

formados, e assim vendados a tantos dons divinos, principalmente ao amor de Deus manifestado em nossas vidas, comunidades, trabalhos etc. É preciso resgatar o sentido da **alegria cristã**, alegria propulsora da construção do Reino, mesmo em meio aos sofrimentos e desafios.

Creio que nestas três dimensões: ardor na evangelização, calor na acolhida, alegria por pertencer a Cristo, vemos pontos positivos na atuação da IURD. Em seu conteúdo, porém, no conteúdo da sua pregação, passa à distância de temas como doação, serviço, sacrifício, encarnação, tão importantes e fundantes no cristianismo. O princípio bíblico do *servir* é invertido: busca-se não só o "ser servido" por Deus, esquecendo-se a dimensão do sacrifício, da dor, do serviço desinteressado. Pois a Cruz não é apenas o "sinal da vitória", mas é também, para cada verdadeiro discípulo de Jesus, o risco a ser assumido "*por causa do Evangelho*", a Cruz a ser carregada *dia após dia* (cf cf Lc 9,23), no seguimento do Mestre.

A IURD, de certa forma, pode servir-nos de termômetro indicativo de que nosso povo tem mesmo sede de Deus. Não, porém, de um Deus etéreo, distante, racional, mas sim de um Deus-presença, que age com poder na vida de seus filhos, que vem em socorro de suas fraquezas e necessidades.

A IURD é um fenômeno religioso de nossos dias, que vem arrastando multidões em todo o Brasil e já em outros países, e não pode ser ignorado por nós. É preciso rever nossa ação pastoral, e fazer um profundo questionamento de como temos levado a mensagem de Jesus ao nosso povo, que procura sinceramente a Deus mas anda confuso diante do pluralismo do vasto mercado religioso que lhe é oferecido. Como, enfim, conservando nossa identidade católica e dentro da fidelidade ao Evangelho, inovaremos nossa prática pastoral, para responder a este e outros desafios?

#### Endereço do Autor:

*Seminário Arquidiocesano de Teologia  
Caixa Postal 5084  
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC*

### A Era do Espírito

## A Nova Era: Religião do Espírito ?

*Pe. Dr. Vitor Galdino Feller  
Professor de Teologia Sistemática*

# M

### INTRODUÇÃO

uito se fala hoje de Nova Era. Trata-se de um movimento aglutinador e articulador dos anseios por paz e unidade dos seres humanos entre si, com Deus e as criaturas. Como tal, ela tem

abrangência ampla sobre a cultura, a organização social, a política, a economia, a arte e a religião. Alguns vêem a Nova Era como uma nova religião que teria o objetivo de unificar todas as expressões e fenômenos religiosos que, aqui e ali, despontam no coração humano ansioso pelo encontro com o divino. Alguns, querendo apressadamente cristianizá-la, a têm como **a era do Espírito** (!), o advento dos tempos novos anunciados por Jesus Cristo e pelo Discípulo Amado no Apocalipse. Estaríamos chegando, com a Era de Aquário, aos "novos céus e nova terra", à nova cidade, ao mundo do homem novo em Cristo?

Fundamentados na reta interpretação bíblica e na sã teologia, responderemos que não! E o faremos apresentando uma visão crítica da Nova Era, julgando-a a partir da fé cris-

tã. Veremos como ela não responde aos anseios humanos, porque manipula a religião, a razão e a emoção. Como "religião do Espírito", não há nela lugar para o Deus-Trindade. Nosso julgamento se dá na esfera teórica, enquanto se refere a um movimento cultural. A partir de um posicionamento doutrinário, nosso julgamento mostra as consequências de uma aceitação ingênua dos ditames da Nova Era para o nível ético e moral.

Temos consciência de estar tratando com um movimento que abrange pessoas e organizações das mais diferentes extrações sociais e culturais. Não queremos julgar pessoas e organizações em particular, nem negar o bem que fazem no campo social e político.

### 1. AS FACES OCULTAS DA NOVA ERA

#### 1.1 - A FACE IRRELIGIOSA DA NOVA ERA

Começamos por dessacralizar e desmistificar o fenômeno da Nova Era. Trata-se de algo humano, produzido pelo coração do homem pós-moderno, cansado da rigidez

moralista e legalista das instituições religiosas tradicionais, pré-modernas. Segundo seus adeptos, a humanidade teria vivido longo tempo sob o peso das religiões, sobretudo sob a carga ética e moral do cristianismo, uma religião que é identificada por diferenciações tão claras entre Deus, o ser humano e o mundo, que seria a causadora das divisões entre pessoas e povos, entre nações e culturas, incapaz de assimilar os ventos dos novos tempos da conciliação e da fraternidade. A Nova Era dá adeus ao passado e à tradição do Ocidente cristão, anunciando um novo tempo com novas perspectivas religiosas, mais místicas e integradoras. A Era de Aquário será líquida, mais fluida e maleável. Deverá levar ao cumprimento o que já estaria anunciado na Era de Peixes por Jesus Cristo, entendido como um ser iluminado, mestre da paz, que, contudo, não foi seguido. Desta vez, juntando os ensinamentos de Jesus aos dos outros grandes mestres espirituais da humanidade, numa miscelânea mística, se deverá chegar aos novos tempos que eles anunciaram.

Mas, se há uma boa intenção de fundo na busca de mística e espiritualidade, de harmonia e paz, há também uma maldade inerente à rejeição do caminho proposto por Jesus Cristo. Alimentando-se de diversificadas fontes religiosas, a Nova Era põe no mesmo caldeirão idéias e ideais, doutrinas e práticas, terapias e propostas, nem sempre coerentes entre si, muitas vezes até entre si contraditórias, interessando-se apenas na formação de uma geléia de agradável paladar, cada um criando uma religião própria, criando um "deus" à sua imagem e semelhança. No âmbito da cultura individualista e da economia liberal-capitalista, cria-se uma religião do "eu", de fácil consumo. Na verdade, a religião da Nova Era não serve para levar as pessoas ao encontro com o Transcendente e, através dele, à comunhão entre as pessoas. Ela serve como mais um meio de lucro. O capitalismo ocidental, depois de ter sugado o sangue e o suor do homem moderno, quer sugar-lhe também a alma.

A Nova Era é irreligiosa, mas apresenta-se com máscara religiosa. Por não reconhecer as diferenças entre Deus, o ser humano e o mundo, e por colocá-los todos na mesma vitrine de consumo, a religião da Nova Era é "diabólica" (no sentido de *diá-bolos*, o que se "atravessa" e desune). Em vez de promover comunhão entre diferentes, no respeito à identidade de cada um, assumindo as crises e cruzes, entaves e retrocessos do diálogo difícil dos seres humanos entre si e com Deus, a Nova Era passa por cima, atravessa-se no caminho de relações trabalhadas, anuncia uma reconciliação superficial, uniformizadora. Em vez da unidade tão sonhada e decantada, temos a massificação. Em vez da conciliação, temos o anonimato. Em vez da harmonia, o individualismo. Uma máscara de re-ligião, porque não re-liga, mas ao contrário des-liga e distancia ainda mais o divino, o humano e o criatural, levando as pessoas a uma irresponsável e falsa "religião" egoísta e egocêntrica. Como tal, a Nova Era nada tem de novo. Ela revela a convivência dos tempos modernos com o pecado de Adão e Eva!

## 1.2 - A FACE IRRACIONAL DA NOVA ERA

A Nova Era também se cansou com a lógica racional e pretensiosa das ciências modernas. O estudo científico, a lógica racional, o espírito dominador e transformador do técnico, com conseqüências nefastas visíveis na destruição da natureza, no machismo e no racismo e nas guerras modernas, têm desencantado as novas gerações. Para reagir ao peso da racionalidade cientificista da modernidade, anuncia-se um novo tempo com novas perspectivas racionais.

Na verdade, na ânsia de satisfazer às questões primordiais do ser humano, sobre sua origem, seu sentido e seu destino, os adeptos da Nova Era enleiam-se em redes mesquinhas, põem uma viseira diante de si e tentam resolver estas questões como se fossem enigmas. Lançando mão de subterfúgios pretensamente racionais, alimentando-se com migalhas da ciência, fazendo derivações espiritualizantes da física energética e da psicologia do profundo, a Nova Era pretende dominar o divino, o humano e o mundano, numa cosmovisão holística. O caminho da salvação é trazido à mão, ao imediato, através das mais diversas mediações do esoterismo, do ocultismo e do gnosticismo. O divino é conquistado, manipulado e experimentado em coisas e fenômenos criados pelo ser humano. O estudo racional e crítico da religião é substituído por impressões e achismos de ocasião. O acesso ao sobrenatural é controlado pelo domínio fantasioso de duendes e gnomos, fadas e anjos cabalísticos, cristais e números, cores e símbolos, sortilégios e presságios, adivinhações e magias, horóscopos dos mais variados leques, canalizações com seres sobrenaturais, projeções exteriores da própria consciência, contactos com extra-terrestres... Cursos

de gnose e projeciologia, de mediunidade e ufologia, são oferecidos como científicos, chegando a invadir o espaço das discussões universitárias. Organizações para-religiosas como a maçonaria e o rosacrucianismo, a logosofia e a antroposofia, baseiam sua fé no ocultismo e no esoterismo, restringindo o acesso ao conhecimento da verdade a uns poucos, iniciados e iluminados, configurando desta forma uma elite de esclarecidos, não raras vezes associada com o poder político, econômico e ideológico da sociedade.

Trata-se de uma nova investida do gnosticismo. Um movimento que sempre esteve no calcanhar do cristianismo. O gnosticismo busca a satisfação das perguntas básicas do ser humano fugindo do compromisso com a matéria e o mundo, deixando-se guiar por ideais espiritualistas, descolando-se das exigências concretas e disciplinares do cultivo da religião e da razão, levando as pessoas à interiorização sempre mais crescente, a idealizações do contacto com o sobrenatural. Como tal, fuge do espírito científico, empírico, baseado nos métodos da observação das leis da natureza. Desligando o espírito da matéria e separando o indivíduo da colectividade, o gnosticismo - ideologia geradora e explicadora da Nova Era - torna-se profundamente irracional. Isso mostra como a Nova Era nada tem de novo. Ela revela a condescendência dos tempos modernos com a tentação do acesso fácil ao sobrenatural.

---

*"Uma máscara  
de re-ligião,  
porque não  
re-liga, mas ao  
contrário  
des-liga e  
distancia  
ainda mais"*

---

### 1.3 - A FACE INSENSÍVEL DA NOVA ERA

*"Só o amor  
pode preencher  
o vazio do  
ser humano"*

Dando adeus à religião da pré-modernidade e à razão da modernidade, a Nova Era pretende criar o espaço da emoção e do sentimento, onde não haja vez nem para a tradição do passado nem para a construção do futuro. Conta o presente e suas emoções, o imediato e seus prazeres, o "eu" e suas razões. Isso também para a vivência religiosa. Busca-se a experiência do divino a partir do aqui e agora, das razões subjetivistas do "eu". Tudo o que diz respeito à pertença a alguma instituição, ou ao comprometimento com alguma moral, cheira a passado. O pós-moderno quer viver por si e para si. Igualmente, é preciso refluir-se a respeito da pretensão de construir o futuro. Há uma falsa humildade, que na verdade é omissão e preguiça na construção da história. Chega-se a falar de "fim da história", ideal a que teria chegado o guerreiro cansado da modernidade. É o reconhecimento inconsciente do próprio fracasso, a partir do refluxo sobre o próprio "eu", uma acomodação ao que hoje se pode fazer. Também com o transcendente se vive desse modo. Não há paciência para a disciplina, o sacramento, o diálogo com o Diferente, a cruz do conflito. Para se viver uma religião, é necessário empenho numa vida de comunhão e participação, aceitação de compromissos éticos e morais, disciplina das paixões. Ora, isso não cabe na cabeça das novas gerações, educadas para o prazer, o lazer, o desfrute dos bens da natureza e da cultura.

Mas, desse modo, na busca da emoção e do sentimento a toda prova, cai-se no vazio, na angústia, no nihilismo. Não há emoções no manuseio de coisas e dados, mesmo que num nível de pretensa ou possível sobrenaturalidade. Não há emoções a não ser na convivência e no diálogo, no enfrentamento dos conflitos, na comunhão entre diferentes. Só o amor pode preencher o vazio do ser humano. Isto implica em sair de si. A vida religiosa efetiva, isto é, participada nas celebrações litúrgicas, comprometida com valores éticos, formada na razão crítica, é também afetiva. Certamente, será preciso afetivizar mais a vivência da fé cristã, dar um conteúdo mais emotivo às nossas litúrgias, mais sentimento às nossas relações, menos rigidez às nossas instituições. Porém, descartá-las em vista do vazio e do inseguro da Nova Era é cair no pecado da própria desumanização. Ademais, a busca do emotivo sempre esteve presente na história da humanidade. A fé cristã sempre se pautou pelo relacionamento, às vezes difícil, entre racionalidade e emotividade, entre teologia e espiritualidade. Quantos movimentos espirituais e místicos na história do cristianismo apelaram para a vertente emotiva e sentimental e afetiva da fé!

## 2. A NOVA ERA: "RELIGIÃO DO ESPÍRITO"

### 2.1 - A face anti-pneumatológica da Nova Era

A Nova Era poderia ser entendida como uma "religião do Espírito". É uma religião em que se cultivam a subjetividade, a unidade, a pluralidade, a afetividade, dons e valores próprios da terceira Pessoa divina. Mas não havendo nela espaço para o Filho e o Pai, esses dons ficam desarticulados entre si. A subjetividade torna-se individualismo. A unidade é experimentada como miscelânea de valores e expressões, passando por cima de conflitos e tensões. A ânsia pela pluralidade leva ao hibridismo de valores. A afetividade é cultivada como sentimentalismo. Numa "religião do Espírito", estão presentes a subjetividade e a individualidade, mas sem interpessoalidade. Daí surgem a anarquia que gera superficialismo, o setorialismo que produz especializações sem profundidade, o espiritualismo que mascara um subjacente dualismo, o individualismo que leva ao egoísmo. Essa desarticulação se explica porque, na Nova Era, o Filho, Jesus, é descartado com suas exigências éticas e proféticas, pastorais e políticas. O fim da Era de Peixes indica a rejeição da universalidade salvífica em Cristo. O Pai também é descartado com sua autoridade, seus mandamentos e apelos à obediência filial. A paternidade de Deus é lançada fora junto com a água suja dos regimes autoritários, enfim derrubados. Por não contemplar as relações entre as três Pessoas divinas, a Nova Era torna-se uma máscara de religião. Ela é uma religião anti-trinitária.

A fé cristã reconhece que é próprio do Espírito Santo incentivar a dinâmica da subjetividade e da afetividade, da emoção e do sentimento. Ele é no movimento de vida intratrinitária a Pessoa que faz laços, promove a unidade do Pai e do Filho na preservação e na exaltação da diversidade de cada um. É ele quem conhece o Pai, indicando aos fiéis o caminho das profundezas de Deus (1 Cor 2,11). É ele também quem identifica o Filho, levando os fiéis a reconhecerem que Jesus de Nazaré é o Cristo da fé, o Senhor da história (1 Cor 12,3). Ele diz quem é quem na dinâmica intratrinitária. Do mesmo modo, é ele quem diferencia os fiéis, chamando-os de diversas culturas, etnias e nações, falando a cada um segundo a própria língua e possibilitando, por sua vez, que cada um expresse sua fé em sua língua (At 2,1-11). É ele quem concede aos fiéis diferentes carismas, convocando-os a variados serviços e ministérios (1 Cor 12,4-11). E, ao fazer isso, promove a singularidade na pluralidade e vice-versa. Como na Trindade, também na comunhão eclesial cada um é valorizado por aquilo que é e que faz. Mas, ao identificar as propriedades pessoais do Pai e do Filho e de cada um dos fiéis, ele o faz promovendo a comunhão. Não cabem, na vida eclesial segundo o Espírito Santo, subjetivismos, agrupamentos guetizantes, movimentos excludentes, pastorais

*"Na Nova Era  
não há lugar  
para o  
verdadeiro  
Espírito Santo  
e para suas  
ações na história"*

setorializantes. Na vida da Igreja, as diferenças convergem para a unidade e a unidade não é uma miscelânea de valores e expressões, mas comunhão nas diferenças, muitas vezes construída em meio a conflitos e revezes, entre cruces e crises. A Nova Era é uma "religião do Espírito" porque, no fundo, busca somente a unidade, a harmonia. Mas, não trabalhando as diferenças, promove a massificação, o anonimato, a uniformização. Isto é percebido na pretensão de se estabelecer hoje um só mercado global, um só modelo de empresa, uma só cultura urbana, uma só moda, e assim por diante. Como se vê, na Nova Era não há lugar para o verdadeiro Espírito Santo e para suas ações na história. Ela é anti-pneumatológica.

## 2.2 - A FACE ANTI-CRISTOLÓGICA DA NOVA ERA

Como "religião do Espírito", a Nova Era é um movimento cultural religioso que reage à "religião do Filho", a qual vigorou e ainda vigora nos tempos da modernidade. A "religião do Filho" teria sido caracterizada por uma fé vivida no empenho ético e profético, social e político, militante e combativo, sem espaço para a mística e a espiritualidade. Jesus Cristo foi e é, para muitos, uma espécie de líder, caudilho, irmão maior, amigo, companheiro de batalhas em vista do reino da igualdade e da fraternidade. Podemos distinguir esse tipo de vivência em dois momentos da história recente do cristianismo.

Desde os inícios da Idade Moderna, muitos cristãos se entregaram às lutas de emancipação da razão moderna, nos diversos movimentos e tendências racionalistas e iluministas da teologia e da prática cristã, lutando contra as instituições e dogmas, buscando explicações da fé que satisfizessem as perguntas feitas pela razão histórica e lingüística, filosófica e existencial. Buscavam uma Igreja com rosto humano, onde houvesse espaço para os grandes ideais da igualdade e da liberdade. Mas, lutando contra os regimes autoritários no âmbito político (os reis, com a Revolução Francesa), religioso (o Papa, nas guerras pela unificação italiana) e psicológico (a figura do pai, com FREUD), acabaram por lutar contra o Pai, descartando os valores provenientes de um cristianismo vivido na segurança e sob o amparo de Deus Pai. Uma "religião do Filho" sem lugar para o Pai é a-paternal, a-cristológica, portanto, anti-trinitária.

Mais próximo aos nossos tempos, temos o empenho de muitos cristãos em movimentos de libertação social e política. Aproveitando-se de elementos extraídos da análise marxista da realidade, engajaram-se em lutas concretas pelo

fim das injustiças sociais, das explorações econômicas, das opressões, das divisões de classes. Queriam viver o Evangelho de Jesus na horizontalidade de seu anúncio, no objetivo da fraternidade, na construção do Reino da igualdade, no

"A 'religião do Espírito' não se casa com a 'religião do Pai' "

anúncio e na denúncia, na ética e na profecia. Em muitos casos, porém, caiu-se em radicalismos esquerdizantes. Para muitos faltou a mística, a espiritualidade, a afetividade, a subjetividade. Faltou o cultivo do Espírito Santo. Havia

muito Jesus e pouco Espírito. Muita política e pouca mística. Muita ética e pouco sacramento ou mistério. Uma "religião do Filho", sem lugar para o Espírito, portanto a-pneumática, a-cristológica, enfim também anti-trinitária.

A Nova Era reage aos dois movimentos iluministas e racionalistas, isto é, à Primeira Ilustração, a da razão científica e técnica, e à Segunda Ilustração, a da razão prática e política, enfim, reage à modernidade, criando uma "religião do Espírito", onde haja lugar para a mística e o mistério. Mas, descamba para o oposto, pondo na sombra a dimensão ética e profética, política e social da fé. Além disso, os valores presumidamente religiosos são apreciados só pela sua provisoriamente. Tudo se torna moda, portanto, passageiro. Até mesmo o que é apresentado como místico e misterioso, como preenchimento do vazio provocado pelo cientificismo, torna-se moda. A religião é vendida a alto preço como produto cultural. Na condenação dos males da modernidade, a Nova Era é atraída por eles e cai no redemoinho que condena. Sem um eixo de valores, sem uma matriz definida de conceitos a não ser a pura emoção, a Nova Era vive à mercê dos ventos. Como "religião do Espírito", a Nova Era não se casa com a "religião do Filho". Ambas são inconciliáveis entre si. Emoção não se casa facilmente com razão, com ciência, com militância. Será preciso um ingente trabalho cultural para superar essa distinção que é posta pelos aquarianos como dilema. Estamos diante de uma boa ocasião para anunciar o poder da *Ruah* divina. O dualismo entre mística e ética, entre espiritualidade e política, é o desafio que a Nova Era, como "religião do Espírito", põe aos que crêem no Espírito do Cristo ressuscitado. Nela não há lugar para a cruz de Jesus Cristo, único lugar em que se dá qualquer verdadeira reconciliação.

## 2.3 - A FACE ANTI-PATERNAL DA NOVA ERA

A Nova Era é, ainda, uma "religião do Espírito" que reage à pré-moderna "religião do Pai". Como tal, ela busca o fim do regime antigo do patriarcado. Com a rejeição do Filho, atinge-se também o Pai. Na pré-modernidade, ele estava no centro. Viviam-se o teocentrismo. Tendo sido tradicionalmente representado pelos pais de família, pelos chefes de Estado, pelos patrões e autoridades, Deus como Pai vem sendo hoje descartado como justificador dos machismos, autoritarismos, patriarcalismos e colonialismos que dominaram a história humana passada. A Nova Era, anunciando o fim de tudo isso, leva junto o sentido humano de autoridade, de segurança e de transcendência. Nenhum ser humano consegue viver sem ligações com alguém que lhe seja anterior, superior e senhor. Em cada um há um vazio de carências e afetos que só é preenchido por quem é mais e ama mais, por quem vê mais e melhor os caminhos das histórias pessoais e da história humana.

Muito definida pelo regime da filiarquia, isto é, o domínio dos filhos sobre os pais, dos jovens sobre os idosos, do novo sobre o tradicional e antigo, na Nova Era só cabem o movimento, o ativismo, o criticismo. Na rejeição dos jovens aos velhos esquecem-se os valores da tradição e da experiência. As instituições são tidas como esclerosadas e esclerotizantes. As novas gerações buscam novas mediações de organização. Mas, o que haveria de profético e contestador na juventude torna-se imediatamente descartado pelo rolo compressor do prurido juvenil da novidade. Até mesmo

a espiritualidade é vivida em alta velocidade. É o que se constata na busca pressurosa de objetos que, supersticiosamente, promovem o contacto com divindades. Mediações humanas e cósmicas, portanto manipuláveis, substituem a Deus como Pessoa. Não há lugar para Deus, Pai de todos. Cada um cria um deus à sua imagem e semelhança, um deus que nada exige, um deus sem mandamentos e instituições. A "religião do Espírito" não se casa com a "religião do Pai". Ambas são inconciliáveis entre si. O dualismo entre mística e autoridade, entre espiritualidade e instituição, é o desafio que a Nova Era, como "religião do Espírito", põe aos que creem no Espírito do Pai. Nela não há lugar para a autoridade transcendente do Pai.

## CONCLUSÃO

A dinâmica da vida cristã busca o equilíbrio de todas as dimensões do ser humano, trabalhando todos os valores que nos são dados pela cultura humana e que nos são revelados pelas Pessoas divinas. Na constatação dos desequilíbrios dualistas da Nova Era, percebe-se que está ausente o Espírito Santo. Até mesmo no interior da Igreja, a ausência do Espírito divino promove desvios. O que acontece quando não há Espírito Santo? Por não lhe ter dado vez e voz, a Igreja caiu em institucionalismos, patriarcalismos e funcionalismos de uma "religião do Pai", em militantismos e caudilhismos de uma "religião do Filho". No entanto, na busca de superação desses desvios a Igreja não pode ceder à tentação da Nova Era. Não pode criar uma "religião do Espírito", caracterizada por emocionalismos, alevuismos e corporativismos, como acontece com muitos dos novos movimentos religiosos.

A fé cristã **também** anuncia uma Nova Era, a verdadeira *era do Espírito*. Trata-se dos novos céus e da nova terra, da cidade nova que vem do alto. O Reino de Deus não é obra nossa. É graça de Deus que vem ao nosso encontro e nos interpela a sermos co-edificadores do seu Reino. A era do Espírito, para nós cristãos, não será algo determinável pelos nossos esquemas religiosos, racionais ou emocionais. Na pré-modernidade, com o acento dominante nos valores religiosos, teve-se a tentação de identificar o Reino de Deus com a Igreja. Na modernidade, com o acento na lógica racional e científica, tem-se a tentação de identificá-lo com a Nova Sociedade do comunismo ou com o Fim da História do neo-liberalismo. Na pós-modernidade, a tentação parece ser identificá-lo com o "Self" egocêntrico de cada um. Nós, cristãos, não pomos viseira diante de nossos olhos. A Nova Era dos cristãos não é algo que possa ser definido pelo ser humano. Ela é graça de Deus! A nós cabe edificá-la na obediência às sugestões do Espírito Santo e não na contemporização com nossos impulsos individualistas.

## FONTES

ALMEIDA, J.C. (Pe. Joãozinho, SCJ), *Nova Era e fé cristã*, Loyola, São Paulo, 1994.

AMARAL, L., "Nova Era: um movimento de caminhos cruzados", em CNBB, *A Igreja católica diante do pluralismo religioso no Brasil* (III), Estudos 71, Paulus, São Paulo, 1994, 101-145.

ANDRÉ, M., *Nova Era. O que é? De onde vem? o que pretende?*, Venda Nova, 1992.

BERGERON, R, BOUCHARD, A. e PELLETIER, P., *A Nova Era em questão*, Paulus, São Paulo, 1994.

BOFF, L., *Ecologia, mundialização, espiritualidade. A emergência de um novo paradigma*, Ática, São Paulo, 1993.

BOFF, L., *Nova Era: a civilização planetária*, Ática, São Paulo, 1994.

BOFF, L. e Frei BETTO, *Mística e espiritualidade*, Rocco, Rio de Janeiro, 1994.

CAROZZO, C., "Mística e crise das instituições religiosas", em *Concilium* 254, Vozes, Petrópolis, 1994, 31-42.

CASALDÁLIGA, P. e VIGIL, J.M., *Espiritualidade da libertação*, Vozes, Petrópolis, 1993.

COUTO TEIXEIRA, F.L. (org.), *Diálogo de pássaros. Nos caminhos do diálogo inter-religioso*, Paulinas, São Paulo, 1993.

CNBB, *Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*, aprovadas no Conselho Permanente de 22 a 25 de novembro de 1994.

CNBB-SETOR PASTORAL SOCIAL, *Brasil: alternativas e protagonistas. Por uma sociedade democrática*, Vozes, Petrópolis, 1994.

DANEELS, G., "Cristo ou Aquário" (Carta Pastoral), em ALMEIDA, J.C., *Nova Era e fé cristã*, Loyola, São Paulo, 1994, 103-146.

DUQUOC, Chr., "Instituição e divertimento". Posfácio a *Concilium* 254, Vozes, Petrópolis, 1994, 133-139.

FELLER, V.G., *Nova Era e fé cristã*, REB, 55, 1995, n° 218 (junho), pp. 338 a 364.

JÄGER, W., "Mística - fuga do mundo ou responsabilidade pelo mundo?", em *Concilium* 254, Vozes, Petrópolis, 1994, 69-83.

JOÃO PAULO II, *Cruzando o limiar da esperança*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1994.

KAPPEN, S., "A espiritualidade na nova era de recolonização", em *Concilium* 254, Vozes, Petrópolis, 1994, 43-54.

KÜNG, H., *Projeto de ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*, Paulinas, São Paulo, 1992.

LEIS, H.R., "Ética ecológica; análise conceitual e histórica e sua evolução", em GARCIA RUBIO, A. e outros, *Reflexão cristã sobre o meio ambiente*, Loyola, São Paulo, 1992, 51-76.

LUCCHETTI BINGEMER, M.C.I., *Alteridade e vulnerabilidade. Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise*, Loyola, São Paulo, 1993.

MARIEN, N., *Jesus, a luz da Nova Era. Uma visão eclética e ecumênica do mais revolucionário dos mestres*, Record, Rio de Janeiro, 1994.

NERY, J.I., *Nova Era. Elementos para uma visão crítica*, CNBB, Brasília, 1994 (mimeo).

RATH, R., *Nova Era. Um perigo para os católicos*, Louva-a-Deus, Rio de Janeiro, 1994.

RUIZ DE LA PEÑA, J.L., *Teologia da criação*, Loyola, São Paulo, 1989.

SAUTTER, G. (ed.), *New Age. A Nova Era à luz do Evangelho*, Vida Nova, São Paulo, 1992.

## Endereço do Autor:

Catedral Metropolitana  
Casa Paroquial  
rua Arcipreste Paiva, 70  
88010-530 FLORIANÓPOLIS, SC